

INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA DO SUFIXO *-EIR-* NA NOMEAÇÃO DE VEGETAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA

NATIVAL SIMÕES NETO¹, MÁRIO EDUARDO VIARO²

ABSTRACT. *A Historical Investigation of the Suffix -eir- for the Naming of Plants in the Portuguese Language.* The Latin suffix *-ari-*, used as a creator of adjectives, developed several meanings during the period of spoken late Latin, as well as in the formation of the Romance languages. One of those meanings, present in the Portuguese suffix *-eiro/ -eira*, is associated with tree names, based on the name of the corresponding fruit. Quite productive in current modern Portuguese, that suffix was always linked to the denomination of plants in general, some of them not necessarily related to edible fruits or even to fruits. Similarities are found between the Portuguese derivations and other Romance languages. In this text, those similarities were investigated from a historical-comparative point of view. The high convergence in the western Romance languages can be motivated both by a common Latin heritage as by further loanwords, however during the European expansion in the sixteenth century, new plant names were known from the New World and their naming was based on words derived by the same suffix.

Keywords: *suffixation, Romance linguistics, botanical popular naming, historical morphology, morphological productivity*

REZUMAT. *Investigarea istorică a sufixului -eir- pentru denumirea plantelor în limba portugheză.* Sufixul latin *-ari-*, folosit ca creator de adjective, a dezvoltat mai multe semnificații în perioada latinei vorbite târzii, precum și în formarea limbilor romanice. Una dintre aceste semnificații, prezentă în sufixul portughez *-eiro / -eira*, este asociată cu numele copacilor, pe baza numelui fructului corespunzător. Destul de productiv în portugheza modernă actuală, acel sufix era întotdeauna legat de denumirea de plante în general, uneori nu întotdeauna legate de fructe comestibile sau chiar de fructe. Niște asemănări sunt găsite între derivațiile portugheze și alte limbi romanice. În acest text, acele asemănările

¹ **Natival SIMÕES NETO** é professor doutor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/ Brasil). Email: nasneto@uefs.br.

² **Mário Eduardo VIARO** é professor livre-docente da Universidade de São Paulo (USP/ Brasil), bolsista Pq-1D do CNPq -Brasil, coordenador do Grupo de Morfologia Histórica da Língua Portuguesa (www.usp.br/gmhp) e vice-coordenador do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (<https://nehilp.prp.usp.br/>). Email: maeviaro@usp.br

au fost investigate dintr-un punct de vedere istoric-comparativ. Convergența ridicată în limbile romanice occidentale poate fi motivată atât de o moștenire latină comună, cât și de alte împrumuturi, cu toate acestea, în timpul expansiunii europene din secolul al XVI-lea, numele noi de plante au fost cunoscute din Lumea Nouă și denumirea lor se au bazat și pe cuvinte derivate de același sufix.

Cuvinte-cheie: *sufixare, lingvistică romantică, denumirea botanică populară, morfologie istorică, productivitate morfologică*

Introdução

A rede semasiológica do sufixo *-eir-* inclui os significados de agentes profissionais (*carteiro, leiteiro, doceira, engenheiro, peliteiro*), frequentativos/habituais (*fofoqueiro, bagunceiro, maconheiro*), qualidades (*verdadeiro, sorrateiro*), árvores/arbustos (*figueira, cajueiro, cerejeira, bananeira, limoeiro*), locativos (*banheiro, puteiro, galinheiro, formigueiro*), objetos (*manteigueira, cinzeiro, chaveiro*), doenças/anomalias (*pulmoeira, cobreiro, unheiro, bicheira*), coletivos/conjuntos (*cancioneiro, cabeleira, epistoleiro, garrafeira*), formações naturais (*nevoeiro, aguaceiro, lamaceiro, poeira*), atitudinais (*bebedeira, roubalheira, choradeira, ladroeira*) e outros. Entre os autores que investigaram parcial- ou detalhadamente o funcionamento do sufixo *-eir-* estão Said Ali (1964 [1931]), Nunes (1969 [1919]), Rocha (1998), Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998), Marinho (2004), Botelho (2004), Almeida e Gonçalves (2005), Rio-Torto (2016), Pizzorno (2010), Viaro (2011), Soledade (2013), Simões Neto e Soledade (2014), Simões Neto (2016, 2020) e Tavares da Silva (2017). Neste artigo, tratamos da prolífica rede “vegetal” do conjunto de palavras X-*eir-*, isto é, formações que designam árvores, arbustos, plantas, ervas e matas. Essa categoria semântica, nos estudos morfológicos, recebe diferentes designações. Na área da Filologia Românica, tratando sobre esse campo semântico específico, podemos citar diversas obras como as de Schöneweiß (1955), Stempel (1959), Geiger (1978), Bastardas i Rufat (1992), entre outros.

Said Ali (1964), com a designação “plantas/árvores”, menciona que, a partir de nomes de frutos, flores e outros produtos vegetais, podem ser criados nomes de plantas ou árvores. Para Rocha (1998) o sufixo designa “árvore ou arbusto” e exemplifica: *abacateiro, limoeiro, caquizeiro, pessegueiro, tomateiro, mamoeiro*. Como Rocha (1998) se volta aos agentivos, não há maiores considerações sobre a categoria das árvores. Gonçalves, Yacovenco e Costa (1998) exemplificam, para o significado “árvore ou arbusto”, *abacateiro, coqueiro, pessegueiro, mamoeiro e craveiro*. Os autores consideram que essa categoria

seja um espriamento metafórico da categoria de agente. Para Marinho (2004), o significado “árvores frutíferas” do sufixo presente em exemplos como *abacateiro, amoreira, cajueiro, goiabeira, mamoeiro* é uma regra produtiva que gera os derivados dessa categoria. Botelho (2004) entende pela designação “objeto planta” que a categoria geral de objeto é uma extensão metafórica do agente humano. Dentro dessa categoria, considera o objeto “planta”, que poderia ser parafraseado como ‘planta que produz X’ (elemento da base: fruto, flor, caule, folha etc). Almeida e Gonçalves (2005) falam de “agentes naturais” e consideram como uma metaforização do agente profissional. Para Pizzorno (2010), o significado “vegetal” tem uma conexão metafórica com o significado de agente. Para Viaro (2011), o hiperônimo “árvore” é a cabeça da paráfrase ‘árvore que produz X’, que norteia o significado de *pereira, pitangueira, figueira, cajueiro, mangabeira* entre outras. Soledade (2013) entende o significado como “agente vegetal” e considera que é uma extensão metafórica do agente profissional. Simões Neto e Soledade (2014) denominam como “árvore ou arbusto” a designação geral de plantas. Simões Neto (2016, 2020) também considera que “agente vegetal” é uma extensão metafórica do agente profissional. Rio Torto (2016) menciona que o sufixo *-eir-* (como “fonte vegetal”) se adjunge a radicais que designam flores, frutos e plantas arbustivas. Por fim, Tavares da Silva (2017) utiliza o termo “angiospermas” para essa categoria, que, a seu ver, é não agentiva.

É possível notar que os autores que se referem à categoria como vegetal, árvore, arbusto ou angiosperma têm em mente a transparência da paráfrase semântica, uma vez que o padrão mais produtivo se refere às árvores que produzem algo, que é expresso pela base da derivação. Quem se refere à categoria como agente vegetal, agente natural ou objeto planta tem em mente o potencial metafórico da língua.

Em vez de uma designação mais acertada, neste artigo, buscaremos entender a categoria das árvores, plantas, arbustos e semelhantes na rede semasiológica do sufixo *-eiro/-eira*, de um ponto de vista histórico e comparativo. Pelo viés histórico, observamos o comportamento desse significado no latim, sob as formas *-arius/-aria/-arium*, no português arcaico, e nos momentos posteriores ao período medieval, desde o instante em que surgem as primeiras reflexões metalinguísticas, ainda no século XVI, até a contemporaneidade. Pelo viés comparativo, cotejamos os dados do português com registros encontrados em outras línguas românicas.

1. O sufixo *-arius/-aria/-arium*: questões morfológicas e semânticas

A gênese do sufixo latino *-arius/-a/-um* foi analisada por vários autores. White (1858) explica que havia um sufixo primário *-ri-*, que passa por sucessivos

aumentos, transformando-se, primeiro, em *-ris*, depois *-rius* e, por fim, *-arius* (*ancorarius, ferrarius, ostiarius*). Esse mesmo desenvolvimento explicaria o aparecimento dos sufixos *-aris* (*angularis, balnearis, capilaris*) e *-alis* (*acervalis, bestialis, caerimonialis*). Viaro (2011) conclui que *-arius, -aris* e *-alis* façam parte de uma mesma rede semântico-morfológica e etimológica de *-aris* e *-alis*, “uma vez que encontramos – paralelamente a uma arcaica *coquinaris* – a clássica *coquinarius*, mas essas relações nem sempre são claras e, muitas vezes, formas com *-arius/a/um* ocorrem posteriormente a formas em *-ar/-al*” (Viaro 2011, 127). Ainda sobre isso, importa mencionar que Viaro (2010) observa uma poligênese do sufixo latino, que inclui sete processos de transmissão:

- (a) *-ar, -are; -al, -ale* > *-arium*
 - (b) *-ἄριον* > *-arium*
 - (c) *-arius* → *-arium*
 - (d) *-aria* → *-arium*
 - (e) *-orium* → *-arium*
 - (f) *-ἄρος* > *-*arus* → *-arium*
 - (g) *-αρεία* > *-*aria* → *-arium*
- (Viaro 2010, 27-28)

Há, segundo Viaro (2010), uma série de convergências formais no desenvolvimento do *-arium*. Essa poligênese, apesar de ter caráter formal, tem impacto sobre os significados veiculados por este sufixo, que era inicialmente um formador de adjetivos denominais de caráter relacional (*ancorarius* ‘relativo à âncora’, *ferrarius* ‘relativo ao ferro’ e *ostiarius* ‘relativo às portas’). Esses adjetivos derivados eram comumente realizados como especificadores de substantivos de significado genérico, como *faber* ‘artesão, artífice, ourives’, *servus* ‘servo’ e *taberna* ‘loja’, por exemplo: *faber argentarius* ‘artesão de prata’, *faber lignarius* ‘artesão de lenha, carpinteiro’, *servus coquinarius* ‘servo da cozinha’, *taberna libraria* ‘loja de livros, livraria’, *taberna casearia* ‘queijaria, loja de queijos’ etc. A supressão das palavras genéricas propiciaria o aparecimento de novas categorias na rede semasiológica de *-arius/a/-um*. Alguns desses significados são os agentivos, como *argentarius* ‘artesão de prata’, *coquinarius* ‘cozinheiro’, *lignarius* ‘carpinteiro’ e os locativos, como *libraria* ‘livraria’, *casearia* ‘queijaria, loja de queijos’. Esses novos significados, vale ressaltar, seriam realizados como substantivos derivados, não mais adjetivos.

Assim, além de mudança semântica, nota-se mudança na categoria lexical dos derivados. Sobre isso, importa mencionar que Viaro (2010, 2011) e Simões Neto (2016, 2020) destacaram a produtividade de *-arius/a/-um*, na formação tanto de adjetivos quanto substantivos.

No quadro de palavras formadas com *-arius/-aria/-arium* no latim clássico, analisadas por Viaro (2010, 2011) e Simões Neto (2016, 2020), não são vistos substantivos que designem vegetais, objeto de análise deste artigo. Maurer Jr. (1959, 261-63), no entanto, aponta a existência desse significado no latim vulgar. A presença proffica desse significado em várias línguas românicas, incluindo o português, corrobora a tese de Maurer Jr. Some-se a isso o fato de serem atestadas no latim medieval formas derivadas em *-arius* que designam árvores. A presença do significado relacionado a vegetais em línguas românicas e no latim medieval mostra que essa categoria semântica tem origem no latim vulgar, não sendo, portanto, na maior parte dos casos, um desenvolvimento independente das línguas românicas.

2. A designação de vegetais com o padrão X-eir- no português

O sufixo português *-eiro/-eira* desenvolveu-se do latim vulgar *-ariu(m)*. Segundo Said Ali (1964), as etapas foram *-ariu* > *-airo* > *-eiro*. Este sufixo está presente na língua, desde o português arcaico, período que, segundo Mattos e Silva (2008), vai do século XII, quando se atestam os primeiros escritos em galego-português, até meados da primeira metade do século XVI, antes de se iniciarem as primeiras reflexões metalinguísticas do português.

Simões Neto (2016) analisou o funcionamento do sufixo no português arcaico e encontrou 42 derivados em *-eir-* que se referiam a árvores, arbustos, matas e plantas de uma maneira geral. Os dados do autor foram retirados dos textos que integram o *Corpus Informatizado do Português Medieval* (<https://cipm.fcsh.unl.pt/>). Viaro (2019), analisando a obra *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*, de Jerónimo Cardoso (1562-1563), coleta uma listagem similar. Valendo-se dos dados desses dois trabalhos referentes à designação de vegetais, cruzados com o *terminus a quo* coletado em Houaiss & Villar (2001), de dados extraídos da obra *Dictionarium latinolusitanicum* (1570) do mesmo Jerónimo Cardoso e de dicionários de outras línguas românicas, buscaremos reconstruir uma cronologia desse significado de *-eir-* para a língua portuguesa.

3. A formação da designação de vegetais no sufixo -eir-

Dividamos formas herdadas (atestadas nos séculos IX a XI antes da formação de Portugal), formas atestadas na Idade Média até o período do Renascimento (correspondentes aos séculos XIII a XV) e formas atestadas em dicionários do século XVI.

3.1. Formas em -eir- do século IX ao XII

Em Niermeyer (1976), Simões Neto (2020) encontrou onze ocorrências desse significado no latim medieval: *castanearius* ‘castanheiro’, *ceresarius* ‘cerejeira’, *mespilarius* ‘nespereira’, *morarius* ‘amoreira’, *nucarius* ‘nogueira’, *nuclearius* ‘nogueira’, *olivarius* ‘oliveira’, *palmarius* ‘palmeira’, *persicarius* ‘pessegueiro’, *pirarius* ‘pereira’ e *pomarius* ‘macieira’. Essas palavras podem ser interpretadas como exemplos de formas antigas de formação também na língua românica falada pelos redatores desses textos. Utilizaremos ainda informações de Maurer Jr (1959, 261-263) para o latim vulgar, Corominas (1954) para o espanhol, Prieto García (2004) para o asturiano, Kohen & Kohen-Gordon (2000) para o judeu-espanhol, Andolz (1993) para o aragonês, Furness (2006) para o aranês, Levy (1973) para o provençal, Rey-Dabové & Rey (1996) para o francês, Bernardi *et al.* (1994) para o romanche, Vieli & Decurtins (1962) para o sobresselvano, Peer (1962) para o engadino, Sonder & Grisch (1970) para o sobremirano, Tajina (1998) para o fassano, Rossi (1999) para o brach, Da Col (1991) para o cadorino, Colle *et al.* (1997) para o ampezzano, Nazzi (1996) para o friulano, Zingarelli (1966) e Cortelazzo & Zolli (2003) para o italiano, Wagner (1964) para o sardo, Macrea (1958), Puşcariu (1976) e Cionărescu (2007) para o romeno. Material *online* também foi utilizado, como consta nas referências bibliográficas.

Segundo Machado (1967), temos já no século IX testemunhos de *peraria* (830) e *figarias* (842).

No francês, o item correspondente *poirier* é bem mais recente (1268). Machado, menciona também o item *pereira* em um documento de 1139 (mas *perario* em 1255, *pereiro* em 1269 e *pereyras* em 1415). A denominação da planta em espanhol é *peral*, que poderia ser entendida como uma dissimilação de **pirarium*, seguida de apócope. Encontra-se em galego *pereira*, asturiano *peral* ~ *pereda* ~ *pereru* ~ *peréu* ~ *peredal* ~ *peruyal* ~ *peruyeru*, catalão *perer* ~ *perera*, aragonês *perera* ~ *pero*, aranês *perera*, provençal *perier*, sobresselvano *pirer* (de *pér*), subselvano *pérer*, sobremirano *peírer*, engadino *pairer*, brach *piré*, fassano *piré* ~ *perèr* (de *peir*), cadorino *perèra* (de *piéro*), friulano *perâr* ~ *piručâr* (de *piruč*). Em romeno, diz-se *păr*, em oposição à fruta *pară*. Do mesmo modo, em italiano a árvore se diz *pero* enquanto a fruta é *pera*. Em sardo, *pira* é o nome tanto da fruta quanto da árvore. No ampezzano, o fruto é *perùzo*, mas a árvore é *braşon de perùze*, o que mostra a ausência da sufixação neste caso.

O item *figueira* tem o *terminus a quo* no século XI no castelhano sob a forma *fikera* e no século XII para o francês. É flagrante que não haja, nesse mesmo vocábulo, ainda hoje uma relação analógica entre o gênero masculino da fruta *figo* e o feminino da árvore *figueira*. Além disso, abona-se *figar* em

castelhano no século XIII. Além do francês *figuier*, vemos outras línguas românicas com a mesma formação: espanhol *higuera*, catalão *figuera*, engadino *figer*, velhoto *fichir* ~ *fichiera*. Acrescente-se a essa lista o galego *figueira*, no judeu-espanhol *fijera* ~ *fijero*, a partir de *figo* ~ *higo*, o asturiano *figar* ~ *figal* ~ *figueira*, o provençal *figuier* ~ *figuiera* (a partir de *figa* ~ *fia* “figo”), o aranês *higuèr* ~ *higuèra*, a partir de *higa* “figo”, no cadorino *fighèr* e no friulano *figâr*. Corominas ainda menciona um italiano dialetal *ficara* e Maurer Jr italiano *ficaia*, que é uma forma toscana. Diferentemente da distribuição universal de *figueira*, a denominação de *pereira* aparentemente encontra seus limites na porção setentrional da Itália.

Para o século X, em Machado (1967) documentam-se *ameneiro* (907), *nogaria* (946, mas *nogueira* em 1086), *salgarios* (959, mas *Salgueirus* 1112), *nesperaria* (959), *admesinarias* (961), *castiniaria* (964) ~ *castiniarius* (960), *pesegueiro* (960) ~ *pesegueiros* (967), *laurario* (969, mas palavras como *laureiro* (1029), *cidrieiras* (986), *mazanairas* (986, mas *mazeyra* 1249 ~ *maçineyras* 1279 ~ *maçeneyras* 1279 e *maçeeyras* 1415).

O amieiro não é uma árvore de frutos comestíveis e seu nome não é uma derivação do nome do fruto, cuja denominação aparece no galego *amieiro* ~ *ameneiro* ~ *aveneiro*. Aparentemente de *alnus* se teria formado **alnarium* exclusivamente no iberorromânico do Noroeste, ao passo que **alninum* seria a base do romeno *anin*. O mesmo podemos dizer de *salgueiro* e *loureiro*, que não são árvores frutíferas: o item “salgueiro” provém de **salicarium*, mas outros sufixos foram usados, como **saliceum* > provençal *saletz*. Além do português, há o galego *salgueiro*, o asturiano *salgar* ~ *salguera* ~ *salgueru* ~ *xelgar*, espanhol *salce* ~ *sauce* ~ *salguero* ~ *salguera*, catalão *salze* ~ *salger* ~ *salcer* ~ *salzer*, veneziano *salghèr* ~ *selgàro* ~ *salgàro* ~ *saleghèr*, trentino *salgar*. O item “loureiro”, que por meio de uma forma românica ocidental **laurarium* se encontra no galego *loureiro*, espanhol *lourel*, catalão *llorer* ~ *llaurer*, francês *laurier* “já no século XIII”, e também no valão *lawri*, occitano *laurièr* ~ *laurèir* ~ *laurèr*, piemontês *laureà*, vêneto *lorèr* ~ *orèr* ~ *orâro*, friulano *laurâr* ~ *orâr*. A forma sufixada, porém, não chega à área romanche.

A alomorfia entre *noz* e *nogueira* é muitas vezes justificativa para uma antiguidade do formativo, uma vez que *nucem* > *noz* e *nucariam* > *nogueira*. O mesmo pode perceber-se no castelhano *nuece* e *noguera* ~ *nogal* e também fora da área da Península Ibérica: brach *nogaa* “nogueira” (a partir de *nouš* “noz”), cadorino *noèra* ~ *novèra* (a partir de *nós* “noz”). O termo *noguera* é abonado no moçárabe de 1187 e aparece em 1150 no francês sob a grafia *noier*. Também presente no galego *nogueira*, asturiano *noceru* ~ *nocéu* ~ *nogal* ~ *nozal* ~ *ñocéu* ~ *ñozal*, aragonês *noguera* ~ *noquera* ~ *noguero* ~ *noquer* ~ *nubera* ~ *nugué* ~ *nuguera* ~ *nuquera* ~ *nuzera*, catalão *noguer* ~ *noguera*, provençal *noguier*,

sobresselvano *nugher* (de *nusch*), subselvano *nuer* ~ *nujer*, engadino e sobremirano *nuscher* (a partir, respectivamente de *nusch* e *nousch*), cadorino *nofolèr* (de *nofèla* “noz”), ampezzano *nojelèr* (de *nojèla*), fassano *nogaa* (de *nousc*), lombardo *nughèro*, vêneto *nogara* ~ *noghera*, friulano *nojâr* (de *nole*), veneziano *nogera*, velhoto *nukyera*, mas não no italiano *noce* ~ *nocciolo* (em contraposição ao fruto *nocciola*), nem no romeno *nuc* (cf. fruto *nucă*). O sardo diz *nuke* para fruto e árvore, como no italiano *noce*, mas no calabrês há *nucara*. Parece haver *nociaio* na Ilha de Elba (MAURER Jr. 1959).

Como em *figueira*, o gênero da árvore pode oscilar em *castanheiro*, sendo a formação *castanheira* mais recente. O item *châtagnier* em francês tem datação apenas no século XVII (1697) e formas semelhantes se testemunham em asturiano *castañero* ~ *castañu*, aragonês *castañera* ~ *castañ* ~ *castaño*, catalão *castanyer*, aranês *castanhèr*, provençal *castanhier*, cadorino *castagnèr* (derivado de *castégna*), sobresselvano e sobremirano *castagner* (de *castogna*), subselvano e valáder *castogner*, puter *chastagner*, brach *kastagné*, fassano *castagné*, friulano *castagnolâr*. No espanhol e no italiano apenas ocorrem com o morfema masculino sem sufixo derivacional (espanhol *castaño*, italiano *castagno*). No sardo, *kastándza* é a denominação tanto da fruta quanto da árvore. A palavra francesa *châtaigner* é atestada apenas no século XVII (1697).

De **mespilarium* ~ **nеспilarium*, de base grega (μέσπιλον), teria provindo o português e galego *nespereira* ~ *nespereiro*, aragonês *miezipolero* ~ *niespolera* ~ *nisporera* ~ *lezpolero*, catalão *nespler* ~ *nesplera* ~ *nesprer* ~ *nesprera*, valenciano *nisprer*, francês *néflier* (século XIII), provençal *mesplier* ~ *mespolier* ~ *nespolier* ~ *nesplier* (de *nespla* ~ *nespola*), friulano *gnespólâr* (de *gnespul*). O espanhol tem *níspero* e o italiano, *nespolo*, a partir da fruta de gênero feminino, respectivamente *níspera* e *nespola*. Em sardo, *méspula* é tanto a fruta quanto a árvore. A denominação da árvore frutífera transpôs a área românica, como se vê no inglês *medlar* e alemão *Mispelbaum*.

Para *ameixeira* ~ *ameixieiro* ~ *ameixieira* ~ *ameixoeira*, observa-se uma derivação antiga de **damascenam* (português *ameixa* ~ *amêixea* ~ *amêixoa*), também presente em galego *ameixeira* e no asturiano *nisera* ~ *niseru* ~ *niserál* ~ *ñisal*. No território das línguas românicas, outros derivados se formaram e há concorrência com formas vindas de:

**cereolam* (cf. espanhol *ciruelo*): asturiano *cerigüeyu* ~ *cirigüelu* ~ *cirigüeyu* ~ *ciruyéu* ao lado de *cerigüelar* ~ *ceruyal* ~ *cirolal* ~ *cirolar* ~ *ciroleru* ~ *cirolera*;

**prunum* ~ **prunam*: português *abrunheiro* (1562), asturiano *prunal* ~ *prunero*, francês *prunier*, provençal *prunier* ~ *pruniera*.

Algo parecido ocorre com *macieira*, derivado de um étimo **matianam* > *maçã* > *maçã*, como galego *maceira*, espanhol *manzano* ~ *manzanero* (preservada no espanhol equatorial), judeu-espanhol *mansanal* ~ *mansanero*, aragonês *mazanera* ~ *manzanera*. Essa forma compartilhou uma distribuição espacial com derivados de:

**malum*: italiano *melo* (cf. fruto *mela*), sobresselvano *maler* (de *meil*), subselvano *meler*, sobremirano *meiler*, valáder *mailer*, friulano *milučâr* (de *miluč*). Em sardo *mèla* é tanto a fruta quanto a árvore;

**pomum*: aragonês *pomera*, valenciano e catalão *pomer* ~ *pomera*, aranês *pomèr*, francês *pommier* (1080), provençal *pomier*, puter *pomer*, fassano *pomé*, cadorino *pomèra* (de *pón*), ampezzano *pomèr* (de *pomo*). Em romeno se diz *pom* “macieira”, em oposição a *poamă* “maçã”. Em friulano, *pomâr* significa “árvore frutífera”.

Também antigos são os derivados de **persicum* (português *pêssego*): português *pessegueiro*, aragonês *presequeira* ~ *preseguer* ~ *presiguero* ~ *presquero*, catalão *presseguer* (de *préssec*), aranês *persequèr* (de *persec*), provençal *persequier* (de *persega* ~ *presega*), francês *pêcher* (grafado *peskier* em 1190), sobresselvano e sobremirano *persicher*, subselvano *persicer*, cadorino *perseghèr* (de *pèrsegho*), fassano *perseghèr* (de *persc*), friulano *piersolâr* (de *piersul*). O sardo diz *péssike* para fruta e árvore, no romeno *piersic* (de *piersică*), no italiano *pesco* (de *pesca*). No espanhol, *melocotonero* também tem reflexos no aragonês *malacatonera* ~ *malacatonero*.

Derivações independentes também se observam em *cidreira*, cf. espanhol *cidro* ~ *cidrera* e a partir do século XI. Veem-se cada vez mais formas regionais: a forma *palmeira* (1059, com *palmeiro* provavelmente no século XIII) tem paralelo no espanhol *palmera*, catalão *palmera* (1404), aranês *palmèra*, provençal *palmier*, francês *paumier* (1119). Machado (1967) documenta nesse mesmo século palavras como *azambujeiro* ~ *zambujeiro* (*azambugeiros* 1086), *espinheiro* (*spineiros* 1086), *pinheiro* (*pingnero* 1050 e *pinario* 1080), *sobreiro* ~ *sovereiro* (*suuereiro* 1092) e *pimenteiro* (1058), que parecem ser criações ibéricas, cf. espanhol *azamboero*, *espinera*, *pimentero*; galego *pementeira*. Corominas (1954) diz que *sobrero* é empréstimo do português. No século XII cita exemplos de *vimieiro* (1105), também presente em espanhol *vimbrera* ~ *mimbrero* ~ *mimbrera* e de *carvalheira* (grafado *carualeira* em documento de 1136-1137?).

Como sendo do século XII, o dicionário Houaiss ainda cita *ervedeiro* (asturiano *erbederu* ~ *arbaderu*, aparentado talvez outras formas asturianas

como *albornial* ~ *albornieira* ou ainda catalão *arbocer* ~ *arbocera*, francês *arbosier*, de **arbutarium*).

O sufixo *-eiro* surge em *junqueira* para designar uma área de juncos e em *laceira* como um “festão de trepadeira, latada, rama de cipós enleados” à maneira de *videira*. É inconclusivo se a aceção “erva-besteira” para o verbete *besteiro* no Dicionário Houaiss é tão antigo quanto as primeiras aceções.

3.2. Formas em *-eir-* do século XIII ao XV

Por volta do final do século X e início do século XI testemunha-se maior independência das formações em cada língua românica. Diminuem os casos de mudanças fonéticas relacionadas ao latim vulgar e aumentam os casos de formas idiorromânicas. De fato, Machado (1967) ainda para séculos XIII-XV cita construções como *faueiro* (1258), *bidueyro* (1270), *bafareira* (1267), *cabaceira* (XIII), *geesteira* (1220), *lombrigueira* (XIV)

Simões Neto (2016) faz um levantamento no português arcaico, mostrando que o padrão latino-vulgar se manteve produtivo, acrescentando novas formas que, em sua maioria, são morfológica- e semanticamente transparentes até os dias atuais.

Quadro 1. Árvores, arbustos, ervas e matas com *-eir-* no português arcaico.

Século XIII	avelaneiras, azinheira ~ azyeira, castanheira ~ castanheyra ~ castieyra ~ castinheiro, cerdeira, fegueira ~ felgueira ~ felgeyra ~ figueira ~ figeiras ~ ffygeyras, maçeira ~ macieiras ~ maçeeyras ~ maceeira, mazaeira, moreira nеспerejra, nogeira ~ nogeyra ~ nogueira ~ nugeyra vedeira ~ veedeiras ~ videira ~ videyra
Século XIV	ameixieiro, aroeiras, azinheira ~ azyeira, carvalheyras, castanheira ~ castanheyra ~ castieyra ~ castinheiro, fegueira ~ felgueira ~ felgeyra ~ figueira ~ figeiras ~ ffygeyras, laramgeiras~larangeiras, murteyras, oliueyras ~ oliveira ~ oliveiras ~ oljueiras ~ olyueira ~ vliueiras, palmeyra, pineyro ~ pinheiro, romeyra ~ romeira ~ romeeiras, salgeiros ~ salgueyros

Século XV	agulheira, alJaeira, carrasqueira, castanheira ~ castanheyra ~ castieyra ~ castinheiro, çidreira ~ cidreiras, espinheiro, fegueira ~ felgueira ~ felgeyra ~ figueira ~ figeiras ~ ffygeyras, huveiras ~ huueiras ~ vueyras ~ vlueiras ~ uueyras ~ uveiras, maçeira ~ macieiras ~ maçeeyras ~ maceeira oliueyras ~ oliveira ~ oliveiras ~ oljueiras ~ olyueira ~ vliueiras, roseiras, vlmeiro
-----------	---

Muitos dos casos acima apresentados no quadro 1 retrodatam o *terminus a quo* apontado por Machado (1967), cujas datas, neste caso, são seguidas em grande medida por Houaiss & Villar (2001).

O item *avelaneira* ~ *aveleira*, com os primeiros exemplos citados por Machado como do século XVI e registrado no século XIII por Simões Neto não parece ser um caso de forma idiorromânica, mas de um regionalismo: galego *abeleira*, asturiano *ablanal* ~ *ablaneru*, espanhol *avellano* ~ *avellanera*, judeu-espanhol *alviyanero*, aragonês *abellanera* ~ *abillanera* ~ *bellanera*, catalão *avellaner*, aranês *auerassèr* (de *aueran* ~ *averan* ~ *auran* ~ *aueràs*), provençal *aulanier* ~ *avelanier*, francês *avelinier* (1751).

O item *amoreira*, atestada apenas no século XVI por Machado (1967) e no XV por Houaiss & Villar (2001) encontra cognatos em asturiano *ablunal* (?), espanhol *moral* ~ *morera* (no início do século XVII), aragonês *moratera*, catalão *amorera* ~ *morera* ~ *morer*, provençal *morier*, francês *mûrier* (já no século XII), cadorino *amolèra*, brach *moré*, engadino *amurer*, friulano *morâr*. Não obstante esse uso em quase toda a România Ocidental, Maurer Jr (1959) considera o latim vulgar **murarius* como uma forma de menor extensão.

O caráter românico de *cerdeira*, também no galego, confunde a informação etimológica das obras lexicográficas, uma vez que o *terminus a quo* de *cerejeira* só é abonado pelos dicionários como sendo do século XVI (1548 *çerygeyra*), provavelmente como empréstimo tardio, cf. asturiano *cerecera* ~ *cereceru* ~ *cerezal*, aragonês *sirera* ~ *sirerera* ~ *siresera* ~ *siserera* ~ *zeresera* ~ *zerezera* ~ *zirasera* ~ *zirazera* ~ *ziresera* ~ *zirezera*, catalão *cirerer* ~ *ciderer*, aranês *ceridèr*, provençal *cirier* ~ *cerier* (de *cereia* ~ *cireeia* ~ *cireira* ~ *cireiza* ~ *cirieza* ~ *ciriza*), francês *cerisier* (datado de 1165), sobresselvano *tscherscher* (de *tscherescha*), sobremirano *tscharischer* (de *tschariescha*), cadorino *tharifèra* (de *thariéfa*), brach *čarežaa* (de *čaréižia*), fassano *ciarejaa* (de *ciarieja*), friulano *ceriesâr* (de *ceriese*). O espanhol diz *cerezo* (de *cereza*), como o italiano *ciliegio* (de *ciliegia*) e o romeno *cires* (de *cireașă*).

Do século XIII, ainda se cite *videira*, cuja base não foi formada sobre o fruto e, portanto, tem outro tipo de paráfrase, pois toma por metonímia o nome do local pelo nome da planta. Machado (1967) abona essa palavra um século depois. Do século XIV, *laranjeira* datada por Machado (1967) como de 1374 (topônimo em 1258) encontra paralelo no galego *laranxeira*, asturiano *naranxal* ~ *naranxaleru* ~ *naranxeru* ~ *naranxu*, espanhol *naranjal* ~ *naranjo* ~ *naranjero* e o judeu-espanhol *naranjero*. Também há empréstimos de falares galorromânicos que penetraram a Península Ibérica, como francês *dattier* (1230) “tamareira”, que se vê tanto no galego *datileira*, quanto no friulano *datolâr*.

No século XIV, aparece *aroeira* ~ *daroeira*, datada um século depois por Machado (1967), provavelmente também um regionalismo ibérico, como parece também ser o caso de *azinheira* ~ *enzinheiro*: cf. asturiano *ancinéu* ~ *ancinera*, espanhol *encinar* ~ *encina* ~ *encino*, catalão *alzinera*. Observa-se que o étimo de *azinho* ~ *enzinha* tem já um sufixo *-inus* acrescido ao radical do latim *ilex*, ou seja **ilicium*, donde espanhol *encina*, italiano *elcina* (MAURER, 1959). O item *murteira* também é datado um século depois no Dicionário Houaiss e *romeira* parece ser outro regionalismo muito restrito. Mais extensa é a área de *oliveira*, que aparece no francês já no século X (*oliver* 980) e provavelmente é um empréstimo galorromânico que substituiu o arabismo *azeitona* (cf. espanhol *aceituno*) e derivados, cf. castelhano *olivo* ~ *olivera*, aragonês *olibera* ~ *eulibera* ~ *olibé*, aranês *olivèr*, provençal *olivier* (de *oliva*), sobresselvano *uliver* (de *uliva*), sobremirano *uliver* (de *uleiva*), fassano *ulif* (de *uliva*), friulano *uliv* ~ *ulivâr* (de *uliva*), italiano *olivo* (de *oliva*). Da mesma época é o francês *giroffier* “cravo da Índia” (1372, sob a forma *giroffier*) e *violier* “cravo” (séc. XIV)

No século XV, o mesmo caráter circunscrito têm itens como *agulheira*, *aljaveira*, *carrasqueira*, *ulmeiro*, *uveira* (cf. galego *uveira*). Acrescente-se a esses *roseira* ~ *rosal*, que tem grande extensão românica: galego *roseira*, espanhol *rosal*, aragonês *rosera* ~ *rosé* ~ *roser* ~ *rosero*, catalão *roser*, cadorino *rofér* (de *ruófa*) e surpreende também encontrá-lo fora da área da România Ocidental, como se vê no italiano *rosaio*. O item *rosarium* se encontra em latim clássico com o sentido de “campo de rosas”.

O dicionário Houaiss acrescenta a esses itens vários outros com *terminus a quo* no século XII: *faveiro* (francês *févier* 1786), *vidoeiro*, *baforeira*, *cabaceira* (espanhol *calabacera* ~ *calabazo*, francês *calebassier* 1658), *giesteira* (*giesteiro* em Cardoso, 1562-1563). No século XIV *amendoeira* (galego *amendoeira*; espanhol *almendro*, aragonês *almendrera* ~ *almendrero*, catalão *ametler* ~ *ametller*; francês *amandier*, de 1372), *caneleira* (espanhol *canelo*, catalão *canyeller*, francês *cannelier* 1743). No século XV, *craveiro* (espanhol *clavel* ~ *clavero*, catalão *claveller*), *tasneira*. Também cita *junteira*, contudo, a primeira acepção é de uma planta australiana e a segunda tem uma data alternativa do século XIX.

Problemas semelhantes de indefinição das datas das acepções se encontra em palavras como *areeiro*, *fruteira*, *fumeiro*, *moleiro*, *mulateiro*, *papeira*, *salseiro*, *sardinheira*, *sombreiro*, *tintureiro*, *tojeiro*.

Na mesma obra, associado a plantas, o sufixo *-eiro* pode indicar locais (*canaveira*, séc. XIV também em galego *canaveira* e em catalão *canyavera*; *landeira*, séc. XV; *panascal* séc. XIII ~ *panasqueira*, séc. XV; *sarapilheira*, séc. XV ~ *serapilheira*, séc. XVIII), material (*vergueiro* século XIII), grande quantidade (*moiteira* século XIV) ou ter valor relacional (*amieira* século XV). Diversos sentidos associados a plantas ocorrem também em *cabeleira*, *rameira*, *sementeira* (cuja acepção botânica provavelmente não foi criada na mesma época da acepção original, como nos induz a pensar a obra). Nesse período, segundo os dados do Dicionário Houaiss, *-eir-* aparece ainda antecedendo outros sufixos derivacionais em *figueiredo* (século XIII), *figueiral* (século XIV).

3.3. Formas em *-eir-* no século XVI

Para o século XVI, Simões Neto (2016) detecta *jaqueiras* e *limoeyros* ~ *lymoeyros* em seu *corpus*. O termo *jaqueira*, denotando uma planta de origem asiática, indica que, no português, a produtividade do sufixo *-eir-* se ampliou. A primeira ocorrência da palavra, segundo o Dicionário Houaiss, é de 1525. A mesma planta aparece no francês *jaquier* ~ *jacquier* (datada de 1688), sendo muito provavelmente um empréstimo ou um decalque do português. No entanto, outros paralelos se encontram na România Ocidental, apresentando uma certa dificuldade de interpretação, pois podem ser formas conservadas, empréstimos ou decalques. É o caso de *limoeiro* (1583), que aparece em galego *limoeiro*, espanhol *limonero*, catalão *llimoner* ~ *llimonera*, friulano *limonâr*. Em francês, *citronnier* é de 1486.

Se, durante o período medieval, semelhanças parecem ser atribuíveis mais a heranças comuns do latim vulgar ou devidas à difusão do latim medieval, no século XVI, aparentemente, as próprias línguas românicas se tornaram cada vez mais fontes de inspiração entre si, muito embora sejam detectáveis diferenças de produtividade para os sufixos cognatos em cada sistema linguístico.

No período do Renascimento, grande número de plantas passou a ser comercializado. Se tomarmos como divisor de águas as informações contidas nas obras lexicográficas de Jerónimo Cardoso (1562-1563 e 1570), autor que, aparentemente não dispõe de informações de plantas provenientes do Novo Mundo, teremos para a primeira metade do século XVI, os seguintes itens lexicais, segundo Houaiss & Villar (2001, confrontado com o Dicionário Houaiss *online*), ausentes na obra de Cardoso: *arequeira* (1515), *mangueira* (1525, galego *mangueira*; o termo francês *manguier* é de 1688), *limeira* (1527, galego

limeira, espanhol *limero*; catalão *limerà*), *alfarrobeira* (1529, cf. espanhol *algarrobo* ~ *algarrobero* ~ *algarrobera*), *rambuteira* (1552), *parreira* (1553), *sagueiro* (1559), *faveira* (1559, cf. cadorino *faghèr* ~ *faghèra*, mas italiano *faggio*).

Como primeira ocorrência no português, a obra de Jerónimo Cardoso de 1562-1563 é usada para diversos itens lexicais do dicionário Houaiss:

alboquerqueiro (1562-1563) ~ *albocorqueiro* (1570) ~ *albaricoqueiro* (século XVII) ~ *abricoteiro* (1899) ~ *abricoeiro* (séc XIX) ~ *abricozeiro* (século XIX) ~ *abricoqueiro* (1922) ~ *albricoqueiro* (1922), no entanto em espanhol *albaricoquero* é datado de 1293 (como *alvaricoquero*). São cognatos também catalão e valenciano *albercoquer* e o francês *abricotier* (1526);

marmeleiro (cf. galego *marmeleiro*);

medronheiro (cf. asturiano *merundanera* ~ *merundaneru*, espanhol *madroño* ~ *madroñal* ~ *madroño*);

sorveira;

gilbarbeira ~ *gilbardeira* (1899);

ginjeira;

meloeiro (mas *meloeiro* em 1587, cf. galego *meloeiro*);

sabugueiro (cf. aragonês *sabuquero*, cadorino *sanbughèr*, mas catalão *saüc*); *tamareira*.

Da mesma década, em outros autores aparecem *jamboleiro* (1563) e *pitombeira* (1568). Da segunda metade do século XVI, não presentes nas obras de Cardoso, encontram-se: *sinceiro* (1583), *coqueiro* (1583; espanhol *cocotero*, francês *cocotier* 1677); *cuieira* (1585); *cajueiro* (1585) ~ *cajuzeiro* (1587); *ananaseiro*, *araçazeiro*, *mangabeira*, *pacobeira*, *algodoeiro* (todas de 1587, cf. francês *cotonnier* 1542), *lançeira* (1588), *bananeira* (1593; também em galego *bananeira*, espanhol *bananero*, catalão *bananer*, mas francês *bananier* apenas em 1604) e *açafroeira* (1595). Em língua francesa, há uma produtividade independente detectada no século XVI, como se vê em *câprier* (1517, cf. português *alcaparreira* 1858), *poivrier* (1562) “pimenteira”, *cognassier* (1571, de *coing*) “marmeleiro”.

Não está claro no Dicionário Houaiss se a acepção de vegetal para *bagaceira* tem seu *terminus a quo* no século XVI. Não é o caso de *bainheiro*, remetida ao século XIX, caso semelhante aos de *facheiro*, *formigueiro*, *abelheira*, *bombardeira*, *dormideira*, *salgadeira*. Tangenciando o sentido da base associado a vegetais, encontram-se profissões (*barceiro*, *esparteiro*, *mateiro*, *vinheiro*); coletivos (*picadeiro*, *touceira*); objetos (*fueiro*). Outras inconsistências se veem em *salgueira*, dada como do século XVI, mas com as duas acepções no século XIX. O item *silveira* tem duas acepções: sinônimo de *silva* ou um local onde há silvas, sem que esteja claro qual acepção remete ao *terminus a quo* do século XVI.

O sufixo *-eir-* aparece antes de outro sufixo em itens como *pomareiro* (com *-eiro* final no sentido de profissão) e em diversos derivados com *-al* no sentido coletivo (*amoreiral* ~ *moreiral*, *aveleiral*, *espartal*, *faval*, *figueiral*, *jaqueiral*, *mangueiral*, *nogueiral*, *pepinal*, *pereiral*, *sinceiral*). Menos segura é a datação de uma das acepções de *palmeirim* (Houaiss & Villar, 2001; Cardoso 1562-1563, 1570).

3.4. Formas em *-eir-* após o século XVI

Após o século XVI, muitas outras formações em *-eir-* surgiram em língua portuguesa, de modo que podemos observar cognatos e empréstimos em outras línguas românicas. Do século XVII, destacam-se: *goiabeira* (1663, cf. catalão *guaiaber*) e *cacauzeiro* (1698 ~ *cacaueiro* 1699, cf. espanhol *cacauera*, catalão *cacauer*, francês *cacaoyer* 1686). Da mesma época, encontra-se o francês *muscardier* (1665, cf. português *moscadeira* 1813), *kapokier* (1691) “sumaumeira, mafumeira”, francês *azerolier* (1690, cf. catalão *atzeroler* ~ *atzerolera*, português *azaroleiro* 1818 ~ *azaroleira* 1858 ~ *azeroleira* / *azeroleiro* / *aceroleira*, sem data).

Criações notáveis do século XVIII são o francês *cafier* (1715, na forma atual *cafetier* apenas em 1835), quase contemporâneo às formas portuguesas *cafezeiro* (1836 ~ *cafeeiro*, sem data, cf. galego *cafeeira*). Outras ocorrências em português são *alcanforeiro* (1748 ~ *alcanforeira* 1789 ~ *canforeira*, século XX, cf. espanhol *alcanforero*), *saboeira* (1765, cf. espanhol *jabonera*, catalão *sabonera*, italiano *saponaiá*, provavelmente via latim científico), *jasmineiro* (1776, cf. espanhol *yazminero*, catalão *gesmiler* ~ *gesmiller*), *toranjeira* (1782, cf. valenciano *taronger* ~ *toronger*), *jambeiro* (1713, cf. francês *jambosier* ~ *jamosier* 1789).

Do mesmo século é o francês *indigotier* (1718) “anileira”, *plaqueminier* (1719) “caquizeiro”, *tamarinier* (1733, cf. português *tamarindeira* 1899 ~ *tamarindeiro*), *bigaradier* (1751) “laranja azeda”, *avocatier* (1770, cf. português *abacateiro* 1853, espanhol *aguacatero*, catalão *albocater*), *sagoutier* (1779) “saguzeiro (sem data em português)”, *anacardier* “cajueiro” (1792 cf. espanhol *anacardo* tanto para a fruta quanto para a árvore),

Como do século XIX datam-se *tomateiro* (1836; cf. galego *tomateira*, espanhol *tomatera*, catalão *tomaquera* ~ *tomatera* ~ *tomatiguera* ~ *domatiguera*), *feijoeiro* (1858, cf. catalão e valenciano *fesoler* ~ *fesolera*, cadorino *fajolèra*, de *fajuól*), *canforeiro* (1873, cf. *canforeira* século XX, espanhol *alcanforera*, catalão *camforer*), *balsameiro* (1899, cf. catalão *balsamer*). Desse período, é também o francês *bergamotier* (1810, cf. português *bergamoteira*, sem data, galego *bergamoteira*, catalão *bergamoter*). Algumas formas antigas do francês chegam finalmente à língua portuguesa: *framboisier* (1306, cf. português *framboeseira*

~ *framboeseiro* 1873, galego *framboeseiro*), *groseillier* (século XII, cf. português *groselheira* (1858, galego *groselleira*, espanhol *grosellero*, catalão *groseller* e talvez *fraisier* “morangueiro” (século XVI, cf. português *fragueiro*, sem data, catalão *fraguera*). No século XIX cria-se em francês *pamplemoussier* (1870) “toranjeira”. Do século XX, data-se em português *caquizeiro* (1911, catalão *caquier*) entre outras.

Um grande número de formações regionais sem grande difusão se encontra sem data nas obras consultadas. Em galego, citem-se *amorodeira* “morangueiro”, *caraveleira*, *ceboleira* (cf. português *ceboleiro*), *esparregueira* (cf. espanhol *esparreguera*). Em asturiano, *blemera*, *paleru*, ambos “salgueiro”; *llamera* ~ *xamera* “ulmeiro”. Em espanhol, *alcachofero* “alcachofra”, *chayotera* “chuchuzeiro”, *papayero* “mamoeiro” (cf. português *papaieira*, sem data), *zapotero* (cf. português *sapoteiro*, sem data) e no espanhol americano: *cafetera*, *platanera* ~ *platanero*, *chopera*, *rastrajera*, *arrojera*, *chocolera*, *cocotera*, *coquera*, *maicera*, *papera*, *yuquera*, *ajonjoliser*, *algodonera*, *tabaquera*, *guatera*, *zacatera* (Rainer, 1993: 477-80). Em judeu-espanhol, *portokalero* “laranjeira”, *briskero* “pessegueiro” (cf. aragonês *bresquillera*). Em aragonês, ainda, *foricaculera* e *galabardera* “roseira”, *bellomera*, *garimbastera* ~ *galimbastera* e *abispero*, nomes para a nespereira. Em catalão, citem-se *alberginiera* “pé de berinjela”, *aranyoner* “abrunheiro”, *bargallonera* ~ *garballonera* “palmeira”, *gerdera* “framboeseira”, *poncemer* “cidreira”. No engadino *amper* ~ *ampcher* “framboesa” (de *ampa* ~ *ampcha*), friulano *cocolâr* (de *còcule*) “nogueira”, *codognâr* “marmeleiro” (de *codogn*), *armelinèr* “damasqueira” (de *armelin*), *maris'cèra* “ameixeira” (de *maràs'cia*), *cornolèr* “pilriteiro”, *patatèr* “espécie de cogumelo (*Biannularia* sp.)”, *bronbolèra* “ameixeira”. Mesmo fora da área da România Ocidental, citem-se italiano *garofanaia* “erva benta”, *gattaia* “erva gateira”, *lupaia* “erva toira”, romeno *aguridar* ~ *agurizar* “hera”, *cocăzar* “azaleia”, *tufar* ~ *stufar* “carvalho” (de *tufă*)

Conclusões

Neste texto, buscou-se traçar histórica- e comparativamente o significado “árvore, arbusto, planta” da rede semasiológica do sufixo *-eir-* em português. Esse significado tem origem no latim vulgar *-ariu(m)*, como atesta o latim medieval e muitas línguas românicas da România Ocidental, dentre as quais, o português. No período arcaico da língua portuguesa, os dados apontaram para a existência de formas aparentemente herdadas do latim vulgar convivendo com criações vernaculares. A partir do século XVI, momento em que a língua portuguesa começa a ser transplantada para outros continentes e os europeus passam a ter contato com outras plantas, nota-se uma manutenção desse padrão produtivo.

Ainda que outras línguas românicas apresentem um número significativo de formas derivadas que designem árvores e plantas, em nenhuma outra língua românica a proliferação desse significado é tão alta quanto no português. O francês, provavelmente a segunda língua em que o sufixo cognato tem maior proliferação, deve muito de suas criações pós-renascentistas a empréstimos e decalques de formas da língua portuguesa e, em certa medida, o mesmo vale para outras línguas, como o catalão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Maria Lucia Leitão de e Carlos Alexandre Victório Gonçalves. 2005. "Polissemia sufixal: o caso das formas Xeiro - propostas e problemas". *Anais do XX Encontro Nacional da APL (Associação Portuguesa de Lingüística)*, v. 20, 1-12.
- Andolz, Rafael. *Diccionario aragonés*. 1993. 5.ed. Zaragoza: Mira.
- Bastardas i Rufat, Maria-Reina. 1992. "La formació dels col·lectius botànics en la toponímia catalana". Tese. Universidade de Barcelona.
<<http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/41665>>
- Bernardi, Rut *et al.* 1994. *Handwörterbuch des Rätoromanischen*. 2v. Zürich: Offizin.
- Botelho, Laura Silveira. 2004. *Construções agentivas em X-eiro, uma rede metafórica*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Cardoso, Jerónimo. 1562-1563. *Hieronymi Cardosi Lamacensis dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*. Lisboa: Ex officina Ioannis Aluari typographi Regij.
<<https://purl.pt/15192/3/>>
- Cardoso, Jerónimo. 1570 *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa Lusitanico latinū*. Coimbra: Ioan. Barrerius. <<https://purl.pt/14265/3/>>
- Cionărescu, Alexandru. 2007. *Dicționarul etimologic al limbii române*. București: Saeculum.
- Colle, Liotta *et al.* 1997. *Vocabolario italiano-ampezzano*. Cortina d'Ampezzo: Cassa Rurale ed Artigiana.
- Corominas, Juan. 1954. *Diccionario critico e etimológico de la lengua castellana*. 4v. Madrid: Gredos.
- Cortelazzo, Manlio e Paolo Zolli. 2003. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli.
- Da Col, Gemo. 1991. *L'idioma ladino a Cibiana di Cadore*. Pieve d'Alpago (Belluno): Nuove Edizioni Dolomiti.
- Darms, Georges, Anna Alice Dazzi e Manfred Gross. 1989. *Langenscheidts Wörterbuch Rätoromanisch*. Zürich: Langenscheidt.
- Furness, Ryan. *Diccionari occitan (aranés) anglés*. 2006. Lleida: Pagès.
- Geiger, Walter E. 1978. *Phytonymic derivational systems in the Romance Languages: studies in their origin and development*. Chapel Hill: University of North Carolina.

- Gonçalves, Carlos Alexandre Victório, Lilian Coutinho Yacovenco e Raquel G. Romankevicius Costa. 1998. "Condições de produtividade e condições de produção: uma análise das formas X-eiro no português do Brasil." *Alfa*, vol. 42, 33-62.
<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4267>
- Houaiss, Antônio e Villar, Mauro (org) 2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva/ Instituto Antônio Houaiss.
- Kohen, Eli e Dahlia Kohen-Gordon. 2000. *Dictionary Judeo-spanish, Ladino-English English-Ladino concise encyclopedia*. New York: Hippocrene.
- Lacreu, Josep (ed). 2007. *Diccionari d'aula castellà-valencià valencià-castellà*. Alzira: Bromera.
- Levy, Emil. 1973. *Petit dictionnaire provençal-français*. 5.ed. Heidelberg: Carl Winter.
- Machado, José Pedro. 1967. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência/ Horizonte.
- Macrea, Dimitriu (org). 1958. *Dicționarul limbii romîne moderne*. București: Editura Academiei Republicii Populare Romîne.
- Marinho, Marco Antonio Ferreira. 2004. "Questões acerca das formações X-eiro do português do Brasil". Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 2008. *O português arcaico, uma aproximação: léxico e morfologia*. Imprensa Nacional; Casa da Moeda.
- Maurer Junior, Theodoro Henrique. 1959. *Gramática do latim vulgar*. Livraria Acadêmica.
- Nazzi, Gianni. 1995. *Dictionnaire frioulan-français français-frioulan*. Udine: Ribis.
- Niermeyer, Jan Frederik. 1976. *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*. Leiden: E.J. Brill.
https://archive.org/details/Niermeyer_Mediae_Latinitatis_Lexicon_Minus
- Nunes, José Joaquim. 1969. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica.
- Peer, Oscar. 1962. *Dicziunari rumantsch ladin – tudais-ch*. Cuira: Lia Rumantscha.
- Pharies, David. 2003. *Diccionario etimológico de los sufijos españoles y otros elementos finales*. Madrid: Gredos.
- Pizzorno, Daniele Moura. 2010. *Polissemia da construção x-eiro: uma abordagem cognitivista*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Prieto García, Luis Alberto. 2004. *Diccionario de sinónimos y equivalencias castellano-asturiano*. Uviéu: Trabe.
- Pușcariu, Sextil. 1975. *Etymologisches Wörterbuch der rumänischen Sprache*. 6.ed. Heidelberg Carl Winter.
- Rainer, Franz. 1993. *Spanische Wortbildungslehre*. Tübingen: Niemeyer.
- Rey-Debove, Josette; Rey, Alain. 1996. *Le nouveau Petit Robert*. Paris: Le Robert.
- Rio-Torto, Graça Maria. 2016. "Formação de nomes". *Gramática derivacional do português*. Editado por Graça Maria Rio-Torto et al, Imprensa da Universidade de Coimbra, 135-240.
- Rocha, Luiz Carlos Assis. 1998. *Estruturas morfológicas do português*. Editora da UFMG.
- Said Ali, Manuel. 1964. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Edições Melhoramentos.
- Schöneweiß, Hans Gerd. 1955. *Die Namen der Obstbäume in den romanischen Sprachen: Studien über ein Wortfeld*. Kölnische Romanistische Arbeiten – Neue Folge – Heft 8. Tese. Universität Köln.

- Simões Neto, Natival Almeida and Juliana Soledade. 2014. “O morfema -eir- no português brasileiro contemporâneo”. *Lingüística y Literatura*, vol. 65, , 87-111. <<https://revistas.udea.edu.co/index.php/lyl/article/view/18838>>
- Simões Neto, Natival Almeida. 2016. *Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30404>>.
- Simões Neto, Natival Almeida. 2020. *O esquema X-ari- do latim às línguas românicas: um estudo comparativo, cognitivo e construcional*. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia. <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32014>>.
- Soledade, Juliana. 2013. “Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [[X -EIR-]N] no português arcaico”. *Diadorim*, vol. especial, 83-111. <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4008>>.
- Sonder, Ambros e Grisch, Mena. 1970. *Vocabulari da Surmeir*. Coira: Leia Rumantscha.
- Stempel, Wolf-Dieter. 1959. “Zur Frage des Geschlechtes der romanischen Obstbaumnamen auf -arius”. *Zeitschrift für romanische Philologie*, 75, 234-268.
- Tajina, Alessandra. 1998. *Dizioner talian-fascian-talian*. Pilat: Artigianelli.
- Tavares da Silva, João Carlos. 2017. *Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. <<http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/pt/doutorado/teses/teses-2017.html>>.
- Viaro, Mário Eduardo. 2011. *A derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica*. Tese de Livre-docência. Universidade de São Paulo. <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/8/tde-02022018-173614/pt-br.php>>.
- Viaro, Mário Eduardo. 2010. “A especialização do sufixo latino -arium”. *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Organizado por Maria João Marçalo et al, Universidade de Évora, 22-42.
- Viaro, Mário Eduardo. 2019. “Vocabulário biológico na obra de Jerônimo Cardoso; subsídios para a etimologia do português”. In: Mendes de Moraes, Carlos Eduardo; Ricardo Bulhões. *Capítulos lusoamericanos (História, Filologia, Literatura e Linguística)*, São Paulo: UNESP-Câmpus de Assis, 49-74. <https://www.assis.unesp.br/Home/pesquisa/publicacoes/capitulos-lusoamericanos--versao-10_05.pdf>
- Vieli, Raimun e Decurtins, Alexi. 1962. *Vocabulari romontsch sursilvan-tudestg*. Cuera: Ligia Romontscha.
- Wagner, Max L. 1964. *Dizionario etimologico sardo*. 3v. Heidelberg: Carl Winter.
- White, John Tahourdin. 1858. *Latin suffixes*. Longmans, Green & Co.
- Zingarelli, Nicola. 1996. *Vocabolario della lingua italiana*. 12. ed. Bologna: Zanichelli.

SITOGRAFIA

- <http://online.drg.ch/>
<http://www.diccionari.cat>
http://www.friul.net/dizionario_nazzi/
<http://www.linguaveneta.net/strumenti/traduttore/>

<http://www.pledarigrond.ch>

<http://www.udg.ch/dicziunari/puter/impressum>

<http://www.udg.ch/dicziunari/vallader/impressum>

<https://dcvb.iec.cat/>

<https://houaiss.uol.com.br>

<https://www.dialettando.com/dizionario/dizionario.lasso>

<https://www.vocabularisursilvan.ch/>